

Tecnologia & Memória

Marcos Galindo¹

As disciplinas que se sombreavam à copa da árvore do conhecimento cuidaram consuetudinariamente que a memória seria matéria afeta ao campo das especialidades que tratavam do resgate, da interpretação e da reconstituição do passado com base em fontes vestigiais de registro do conhecimento. Nesta função situavam-se a história, a arqueologia, a genealogia, entre outras. Bibliotecários e arquivistas se inseriam no campo da memória com uma participação coadjuvante, contribuindo tecnicamente para ordenação, estruturação e resgate das fontes e registros do conhecimento. Esses profissionais escolheram historicamente posição auxiliar aos cientistas, posição esta que evoluiu danosamente para uma condição de subalternidade que retardou o desenvolvimento da disciplina. Durante muito tempo, foi popular a máxima positivista autodenominante, *ex libris* dos bibliotecários, *Scientia servos servorum*, que os descrevia voluntariamente como servos dos servos da ciência².

Essa visão parece ter sua gênese numa compreensão histórica equivocada do ofício, de ânima positivista. É neste contexto que, em 1876, o bibliógrafo norte-americano Melvil Dewey, fundador da primeira escola de bibliotecários da América e pai da classificatória universal, lança as bases de seu código decimal (CDD). Dewey foi um dos primeiros a

-
- 1 Marcos Galindo é doutor em História pela Universidade de Leiden, Holanda, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), coordenador do Laboratório Liber – Tecnologia do Conhecimento. E-mail: galindo@ufpe.br
 - 2 CASTRO, César Augusto. *História da biblioteconomia brasileira*. Brasília: Thesaurus Editora, 2000. 287 p. Ver *Scientia Servus Servorum* em ____; Ribeiro, Maria Solange Pereira. As contradições da Sociedade da Informação e a Formação do Bibliotecário. *Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004. p. 44. “Deste modo, são exigidos novos perfis ao profissional, aqueles que dessem conta de controlar a produção bibliográfica nacional, em especial, a técnico-científica. Daí, os bibliotecários passarem a adaptar a insígnia ‘Servos dos Servos da Ciência’. Os bibliotecários entendiam a expressão como algo positivo, na medida em que se consideravam como auxiliares dos cientistas, a quem estes recorriam quando necessitavam de informação para o desenvolvimento de seus estudos e pesquisas. Enfim, o ato de servir à ciência era um sinal de modernidade bibliotecária, ou seja, uma atividade que requeria especialização em um dado campo. Desse modo, essa expressão marcava a diferença entre o bibliotecário generalista do qualificado, especializado. Mas o que significa servo? Sujeito, vassalo, dependente, subalterno, inferior, pessoa a serviço de alguém, o que podemos concluir?”

oferecer oportunidade de trabalho qualificado para as mulheres, a quem preferia como operadoras do sistema descritivo de fontes bibliográficas⁵.

Tecnologia e memória: instrumental de TI da Ciência da Informação

As aplicações para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão ligadas às mais diversas áreas da atividade humana e adotam, de cada ambiente, visões renovadas pelas distintas experiências de trabalho e trajetórias científicas. No último quartel do século XX, entretanto, a engenharia da computação apropriou-se do termo *Tecnologia da Informação (TI)* para definir o conjunto de atividades que envolviam o “estudo, *design*, desenvolvimento, execução, suporte ou gestão de sistemas de informação mediados por computador, particularmente aplicações de *software* e *hardware*”⁴. Ocorre, porém, que os instrumentos de ordenação do conhecimento preexistiam à Informática e à Ciência da Computação.

As disciplinas do formativo da Ciência da Informação iniciaram seu desenvolvimento ainda na antiguidade clássica por ocasião do surgimento das primeiras interfaces de registro físico do conhecimento⁵. A escrita

3 Segundo Marcos Almeida, “o papel reservado às bibliotecárias pelas concepções de Melvil Dewey muito contribuiu para isso. Coerentemente com o espírito ainda positivista da época, Dewey concebia seu sistema como o resultado final do progresso científico na área, não vislumbrando a necessidade de uma formação intelectual crítica para as bibliotecárias, já que elas iriam apenas reproduzir tarefas predeterminadas dentro de uma rotina.” ALMEIDA, Marco Antônio de. Informação, cultura e sociedade: reflexões sobre a Ciência da Informação a partir das Ciências Sociais. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires. *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: NÉCTAR, 2007. 316 p.

4 Tradução livre do original depositado em: *Information Technology Association of America (ITAA)*. www.itaa.org/

5 HAYES, ROBERT M. Information Science and Librarianship. In: WIEGAND, Wayne A.; DAVIS, Donald G. (Ed.). *Encyclopedia of Library History*. New York & London: Garland Publishing, Inc., 1994, p. 275-280; INGWERSEN, PETER. Information and Information Science. In: KENT, Allen (Ed.). *Encyclopedia of Library and Information Science*. New York, NY: Marcel Dekker Inc., v. 56, 1995, p. 157-174; SARACEVIC, Tefko. 1992. Information Science: Origin, Evolution and Relations. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise (Ed.). *Conceptions of Library and Information Science*. Historical, Empirical and Theoretical Perspectives. London: Taylor Graham, 1992. p. 5-27; SAKURAI, Nobutaka. The Birth of Library and Information Science and its Future. ULIS: Research Report of the University of Library and Information Science (Japan). 10(1), 1991, p. 1-18; BEHRENDTS, Elke. *Technical and scientific documentation in Germany from 1900 to 1945, with special reference to the relationships between libraries and documentation*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1995. 337 p; BUCKLAND, Michael e LIU, Ziming. Historical Studies in Information Science. In: HAHN, Trudi Bellardo and BUCKLAND, Michael (Org.). *Information Today*, Inc., Medford, NJ, The American Society for Information Science. 1998. p. 272-295.

despertou a humanidade para a necessidade de organizar o conhecimento em categorias que permitissem a recuperação eficiente da informação; neste mandato, os custodiadores do conhecimento passaram a desenvolver instrumentos teórico-metodológicos, estratégias e tecnologias para a organização, gestão, recuperação e disseminação da informação.

Da busca por processos eficientes de representação da informação⁶ surgiu a tecnologia do controle bibliográfico que, até poucas décadas atrás, reunia os mais avançados recursos para organização e recuperação do conhecimento. No final do século XX, esses instrumentos foram otimizados com o adjutório da informática, ganhando eficiência, adaptabilidade e versatilidade. Mais do que isso, novas linguagens e formatos de representação ajudaram a criar função social inovadora para a Tecnologia da Informação, que acabou por encontrar aplicações novas, dilatando as fronteiras herméticas das disciplinas que até então curavam da ordenação do saber.

Com o suporte da informática e da ciência da computação, as tecnologias da informação alcançaram públicos muito mais amplos e estão presentes em praticamente todos os ramos da atividade humana moderna.

Nas últimas duas décadas, a informática e a ciência da computação se expandiram, estabelecendo os limites de seus campos de ação. A informática assentou-se na investigação, no desenho, no desenvolvimento, na execução, no suporte e na gestão de sistemas de informação mediados por computador. A Ciência da Informação, a seu turno, na pesquisa, formação e inovação, nos campos da memória, da gestão da informação e da organização do conhecimento, em suas variadas manifestações.

É bom lembrar que as profissões emergentes no século XXI não resultam da mera evolução do quadro de ofícios das disciplinas do passado histórico, desenvolvidas a partir dos escombros do mundo industrial. Rápida e progressivamente, as novas competências da sociedade da informação se desligaram do manejo analógico dos produtos industriais – até então predominante – para o campo da gestão de matérias sutis das tecnologias da inteligência. A capacidade viabilizada pela TI de representar produtos do conhecimento em meio digital – as possibilidades de transmissão e recepção de dados, voz, imagens e uma variedade de novos conteúdos como livros, imagens em movimento, música integrada em um único meio – gerou profundas mudanças na forma de trabalho e nas competências exigidas dos profissionais da informação.

Este conjunto de mudanças estimulou a emergência de uma nova economia, baseada em inusitadas tipologias de negócios e na criação de

6 Refiro-me à busca por formatos padronizados, linguagens taxonômicas, sintaxes de categorização, sistemas de recuperação da informação, tratamento, controle, disseminação e uso da informação, além de gestão, produtos e serviços de informação.

empresas de base inovadora. As competências tradicionais de organização do conhecimento têm um peso significativo neste novo tempo. O conhecimento registrado, a memória das instituições e dos indivíduos, permanece em expansão e demandando tratamento organizacional. O grande volume de conhecimento disponibilizado com o aporte dos instrumentos da informática requer estratégias híbridas de ação, que claramente não podem ser atendidas com eficiência somente pela informática.

Neste mandato, os trabalhadores do conhecimento se apresentam como um dos novos operadores sociais: indivíduos habilitados a satisfazer as expectativas e demandas de alocação dos recursos do conhecimento e a incrementar a produtividade e gerar inovação. Dessa forma, no que tange à Ciência da Informação, a TI refere-se ao conjunto de instrumentais técnicos e lógicos, saberes e fazeres, capacidades e habilitações desenvolvidas pelas suas disciplinas basilares – a biblioteconomia, a documentação e a arquivística –, aplicadas à organização do conhecimento.

A guerra das competências

Um largo debate sobre a temática da evolução das disciplinas da Ciência da Informação tem alimentado a discussão das competências dos novos profissionais da informação. Desse debate resulta uma linha clara que perfila as diversas tendências em Ciência da Informação, aquela que coloca como função primordial criar fluxos de informação em estoques de conhecimento. Esta lógica leva-nos à concepção de um profissional de ação no campo da memória do conhecimento, com atuação centrada na organização e uso da informação registrada em suportes de variada natureza.

Muitas dessas ferramentas – criadas deste a Idade Média e otimizadas no século XIX – serviram historicamente à ordenação do conhecimento, registrado em modo analógico de suporte, de materiais como livros e documentos em papel, e, conforme antes lembrado, preexistiam ao advento da Informática e da Ciência da Computação.

A Biblioteconomia, disciplina originariamente tecnicista, evoluiu para o domínio da pesquisa, passando as últimas décadas envolvida com o debate epistemológico e altérico que resultou na definição de uma identidade para a Ciência da Informação. Esta progressivamente perdeu sua posição de coadjuvante para alçar a condição de Ciência da Informação, reconhecida pela comunidade acadêmica como portadora de objetos e instrumentos metodológicos próprios⁷.

7 LE COADIC, Y.F. *A ciência da informação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996. 119 p.

Cabem, então, à Ciência da Informação a investigação e o desenvolvimento de instrumentos de descrição semântica das interfaces do conhecimento, mas mais especificamente a reflexão sobre as estratégias de resgate da informação e preservação do acesso a ela; em certa medida, um contraponto ao paradigma custodial desenvolvido pela noção do controle bibliográfico, preso à ação de descrever e controlar os objetos do registro da produção do conhecimento. Cabe também à Ciência da Informação a reflexão sobre a tarefa de transformar informação potencial em conhecimento cinético através do acesso e uso da informação.

A assunção desta tarefa colocou os trabalhos da memória em campos distintos e cooperantes, libertando a biblioteconomia da relação de servitude que antes modelava o comportamento dos operadores dessa área do conhecimento.

Quando se observa a memória da perspectiva da gestão e do planejamento, ela deixa a natureza que a agrega ao sentido do pretérito e associa-se ao senso de matéria corrente e de futuro. Agregado este conceito a outro, de informação como recurso, como matéria, ativo de capital, revela-se então uma fronteira ainda pouco explorada para a memória como matéria-prima a serviço do desenvolvimento. Desta forma, entende-se que planejar e preservar para o futuro passam pela compreensão da relevância destes ativos no tempo presente.

O problema

Há pouco mais de uma década teve início um debate local, derivado de outro universal que se debruçava sobre o conjunto de problemas gerados pela necessidade de organização e acesso aos registros do conhecimento *versus* a *práxis* custodial⁸. Esse momento era estimulado pelas diferentes opiniões que se perfilavam frente aos desafios criados pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação e pela instalação social do ciberespaço que, a seu turno, colocavam em xeque muitos dos paradigmas documentais válidos até o final do século XX.

8 Segundo Armando Malheiro, o paradigma custodial “compreende o modo de ver, de perspectivar os documentos e seus conteúdos (informação), construído por décadas de formação de matriz historicista e técnico-profissional. Este paradigma identifica-se com a Modernidade, pois nasce nela, sob a égide do desenvolvimento e da consagração da História, das instituições memorialísticas e custodiadoras geradas pelo Estado-Nação e incorporadas mais tarde (depois da Segunda Guerra Mundial) no Estado cultural, tais como os arquivos, as bibliotecas e os museus e do pendor técnico/tecnicista ou procedimental, apurado ao longo do século XX, dos profissionais criados por esse tipo de instituições ou serviços”. SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006. p. 159.

Este ambiente discursivo estimulou a criação do grupo de pesquisa Virtus, formado por pesquisadores da Comunicação, da Ciência da Informação e de Design da UFPE. O grupo movia-se *lato sensu* pela necessidade de tomar parte do debate universal e, *stricto sensu*, pela oportunidade de criar *expertise* local no campo da gestão do conhecimento.

O ambiente Virtus se aplicava a problemas interdisciplinares, a maior parte de caráter teórico, comuns às três áreas e específicos, que verticalizavam o foco na investigação dos problemas afetos a suas disciplinas de origem. À Ciência da Informação interessava o problema das fontes de informação armazenadas sem uso como objeto-conteúdo, potencialmente transformadoras, mas que permaneciam sem aplicação social pela ausência de instrumentos tecnológicos que permitissem – com eficiência – a sinapse no ciclo da informação.

Não bastava apenas resgatar e preservar o conhecimento: ao esforço de descobrir e guardar, um outro de igual tamanho se impunha, no sentido de fazer acessíveis as fontes de modo inovativo. O processo exigia o afastamento do canto da sereia que convidava à revolução conservadora: precisava ser conduzida a reforma de velhos conceitos. O momento pedia o incremento permanente de novos valores como forma de alcançar a eficiência dos produtos e serviços que os instrumentos tradicionais já não eram capazes de oferecer. Para isto, era necessário o questionamento permanente aos velhos problemas, que permitisse respostas criativas e a instalação da consciência transformada.

Liber

O Liber foi criado em 1996, a partir do experimento Libvirtus, e se consolidou como espaço integrador de pesquisa e desenvolvimento, tomando como objeto de observação as bibliotecas virtuais, a hipermídia no contexto da instalação social do ciberespaço⁹.

Objetivamente, o problema que interessava ao Liber dizia respeito ao baixo uso dos acervos de memória coletados pelos pesquisadores pernambucanos José Hyginio Duarte Pereira (1847–1901), da Faculdade de Direito, e José Antônio Gonsalves de Mello (1916–2002), do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.

9 Foi formalizado como projeto de pesquisa pelo pleno do Departamento de Ciência da Informação em abril de 1997. Em 2006 institucionalizou-se, passando a se denominar *Liber – Laboratório de Tecnologia do Conhecimento*. O regimento interno foi aprovado pela 138ª Reunião do Pleno do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, realizada em 11 de agosto de 2006.

O primeiro havia coligido entre 1885 e 1886 um *corpus* composto por 11 500 páginas manuscritas, cópias de documentos holandeses, hoje depositadas no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGPE). O segundo formara, entre 1957 e 1990, uma das mais apreciáveis coleções de microfilmes de interesse histórico já reunidas sobre o Brasil colonial: 60 000 documentos microfilmados, entre os anos de 1957 e 1968.

Não obstante a notória importância, as duas coleções partilhavam de um fenômeno comum: a baixa taxa de consulta e uso por pesquisadores brasileiros. Em um período de 126 anos, por exemplo, apenas cinco pesquisadores haviam feito uso efetivo das fontes em língua holandesa, do acervo coligido pelo Dr. José Hyginio.

Este fato era perturbador, uma vez que a reunião desses acervos paradoxalmente atendia a uma carência crônica de fontes históricas de interesse nacional, haviam sido financiados com recursos públicos e estavam devidamente depositados em instituições memorialistas, a quem, em tese, caberia a curadoria do patrimônio histórico, da preservação e do acesso às fontes. Ao contrário, o que se revelava era uma *práxis* custodialista, que cuidava da guarda do bem físico dificultando o acesso, sob a escusa de que o manuseio dos documentos poderia causar danos irreparáveis às cópias e, conseqüentemente, impossibilitar a consulta.

Por muito tempo essas coleções estiveram sob a responsabilidade do Dr. José Antônio, que havia assumido a posição de guardião das duas coleções: a dos documentos holandeses do IAHGPE, por ser o único historiador pernambucano habilitado na língua neerlandesa, e a dos documentos microfilmados dos arquivos europeus, por ter sido ele mesmo seu coligidor. Para muitos, por trás desse cuidado escondia-se uma prática de monopólio de fontes. Os fatos, entretanto, apontam para uma conduta diferente. Uma breve consulta na bibliografia organizada por Lúcia Gaspar¹⁰ constata que o Dr. José Antônio reservou a parte mais substancial de sua produção acadêmica à tradução, leitura paleográfica e publicação de fontes coloniais brasileiras. Junte-se a este argumento a constatação de que até bem pouco tempo atrás não havia pesquisadores locais habilitados na leitura do holandês, fato que desfaz na base a maliciosa acusação. José Antônio Gonsalves de Mello foi também um cuidadoso editor¹¹, tratando, anotando e coligindo fontes de difícil acesso. Encontrou em

10 GASPAR, Lúcia Maria Coelho de Oliveira. *José Antônio Gonsalves Mello: cronologia e bibliografia*. Recife: ANPUH, Núcleo de Pernambuco, 1995, 57. Também acessível na biblioteca virtual José Antônio Gonsalves de Mello mantida pela Fundação Gilberto Freyre. Disponível em: <http://www.fgf.org.br>

11 GASPAR, Lúcia Maria Coelho de Oliveira. *Biocronologia de José Antônio Gonsalves de Mello Neto*. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=307&textCode=886>

Leonardo Dantas as preciosas características do publicador que, justiça seja feita, deu seu toque numa das mais significativas iniciativas de publicação de fontes históricas empreendidas no Brasil no século XX.

A publicação dessas fontes testemunha o pioneirismo de José Antônio e seu ativismo na preservação e melhoria do acesso. O mesmo, todavia, não se pode dizer dos historiadores e bibliotecários a quem fora confiada a tarefa de guardar as fontes microfilmadas por José Antônio. A ignorância sobre a importância dessas fontes ou, pior ainda, a descura pelo trabalho do acesso fizeram com que os microfilmes copiados sob a tutoria de José Antônio nos arquivos europeus fossem parcialmente destruídos por falta de conservação.

A partir dos microfilmes de saís de prata que se conservam nos arquivos de origem, foram reproduzidas três cópias, das quais apenas a que se depositou na Divisão de Pesquisa Histórica da UFPE preservou-se. A segunda cópia foi esquecida na Biblioteca Joaquim Cardoso da UFPE e, sem uso e cuidados de manutenção, avinagrou¹². Uma terceira cópia, que teria sido confiada ao Instituto do Patrimônio Histórico, supostamente foi levada para Brasília e dela não mais se tem notícia. A ausência de equipamentos, de pessoal técnico qualificado para facilitar o uso dessas fontes e, paradoxalmente, o zelo mal-instruído acabaram por selar seu desafortunado destino. Todavia, o catálogo¹³ elaborado por José Antônio e seus auxiliares serviu de base para a ação do projeto Resgate Barão do Rio Branco.

12 Os microfilmes que sobraram desta coleção foram enviados ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, onde estão sendo digitalizados para disponibilização ao público em projeto cooperado entre o LIBER e o IEB.

13 José Antônio Gonsalves de Mello fez publicar nos cadernos da Divisão de Pesquisa Histórica da UFPE um ementário dos fundos por ele coligidos no Arquivo Histórico Ultramarino, que até bem pouco tempo era praticamente o único instrumento de pesquisa dos documentos brasileiros. A publicação desse catálogo, organizado por Cleonir Xavier de Albuquerque Costa e Vera Lúcia Costa Acioli, foi interrompida nos manuscritos relativos ao século XVIII. O Projeto Resgate ampliou o trabalho de José Antônio e incluiu documentação não contemplada por ele em seu catálogo. Parece que esses catálogos derivam das Relações de Papéis Avulsos relativos à capitania de Pernambuco, publicados por José Antônio em Portugal nos anos de 1950. Sobre esse tema consultar: MELLO NETO, José Antônio Gonsalves de. *1.ª relação de papéis avulsos relativos à Capitania de Pernambuco, 1605-1738*, organizada pelo Sr. Prof. Dr. José Antônio Gonsalves de Mello Neto, da Universidade do Recife, quando leitor deste Arquivo. In: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, Pernambuco. I, Lisboa, AHU, 1952, p. 1-62; _____. *2.ª relação de papéis avulsos relativos à Capitania de Pernambuco, 1739-1794*, organizada pelo Sr. Prof. Dr. José Antônio Gonsalves de Mello Neto, da Universidade do Recife, quando leitor deste Arquivo. In: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, Pernambuco. I, Lisboa, AHU, 1952, p. 63-154; _____. *3.ª relação de papéis avulsos relativos à Capitania de Pernambuco, 1597-1671*, organizada pelo Sr. Prof. Dr. José Antônio Gonsalves de Mello Neto, da Universidade do Recife, quando leitor deste Arquivo. In: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, Pernambuco. I, Lisboa, AHU, 1952, p.155-395.

Em 1998, propusemos à mesa diretora do IAHGPE, a esta época presidida pelo Dr. José Antônio, um projeto de memorial¹⁴, que pretendia organizar os microfimes resgatados na Biblioteca Joaquim Cardozo em um banco de dados informatizado, e o desenvolvimento do projeto de tradução dos documentos holandeses da Coleção José Hygínio.

Buscava-se um instrumento simples que disponibilizasse catálogo eletrônico, seguisse os padrões modernos de descrição de conteúdos, permitisse a troca eficiente de dados com outros sistemas e considerasse a possibilidade do acesso irrestrito a seus conteúdos.

Tratávamos as fontes documentais como um recurso potencial que, em seu estado natural, portava as condições de transformação e de operacionalização instrumental para uso intensivo e sistêmico em benefício da sociedade, mas que, por um conjunto de circunstâncias, não conseguia converter-se em recurso ativo, potencializado pelo uso sistêmico.

Esta iniciativa previa, em sua primeira fase, a digitalização dos catálogos da coleção de microfimes coligida pelo Dr. José Antônio, publicados pela DPH/UFPE. Da segunda fase do projeto constava a criação de uma base de dados em meio digital dos microfimes.

O projeto foi executado com recursos do Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco – Funcultura – e da Embaixada do Reino dos Países Baixos. Partia de dois bancos de dados: o Ultramar e o Monumenta Hyginia. O primeiro utilizou-se de imagens digitalizadas do acervo do Dr. José Antônio, da coleção dos documentos do Conde dos Arcos oriunda da Biblioteca Universitária de Coimbra, cedida pelo Dr. Evaldo Cabral de Mello, e ainda por microfimes coletados pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco no Arquivo Histórico Ultramarino.

Clio

O Projeto Monumenta Hyginia previa, em uma primeira fase, a digitalização dos manuscritos da Coleção José Hyginio do IAHGP. Em seguida, a tradução desses documentos para a língua portuguesa e, finalmente, numa terceira etapa, o desenvolvimento da base de dados. Para gerenciar o grande volume de registros digitais e para viabilizar

14. Do núcleo original dessas iniciativas foram desenvolvidos ainda o projeto do Guia de Fontes do Brasil Holandês, incorporado depois ao Projeto Resgate-Holanda, a restauração e posterior exposição do Atlas Vingboons do IAHGPE, com recursos do Buiteland Zaken e Embaixadas do Reino dos Países Baixos, e ainda a tradução do livro *Tempos dos Flamengos*, publicado pela primeira vez em holandês pela Walburg Peers, Zupthen, Holanda, com auspícios do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

sua veiculação em ambiente de livre acesso, foi desenvolvido pelo Liber um banco de dados *web based*.

Esse instrumental *web* evoluiu para o *software* CLIO, viabilizado mais tarde através do convênio firmado entre a Fundação Joaquim Nabuco e a UFPE para a construção de um sistema *web*, destinado à gestão de conteúdos em meio digital. A primeira versão do Clio foi lançada em 2005 reunindo recursos de recuperação da informação, descrição em metadados e protocolo OAI, presentes nos experimentos Ultramar e Monumenta Hyginio. (www.liber.ufpe.br). O convênio tinha por objetivo o desenvolvimento de instrumentos de gerenciamento e difusão de acervos documentais e intercâmbio de tecnologia, tocante especialmente às áreas da memória, do patrimônio cultural e da Ciência da Informação, da gestão do conhecimento e do gerenciamento eletrônico de objetos digitais.

O desenvolvimento do sistema respondia a um conjunto de problemas de gestão de acervos de interesse histórico em meio digital, relatados por instituições atuantes no campo da preservação da memória. Especificamente barreiras para o usuário de biblioteca digital, tais como ineficiência do sistema de buscas, documentos não disponibilizados por completo, não aceitação de diferentes tipos de mídia, ausência de interoperabilidade com outros repositórios.

O Instituto de Documentação – INDOC – da Fundação Joaquim Nabuco, depositário de valiosos acervos da expressão cultural brasileira, buscava uma solução de TI para atender com eficácia às crescentes demandas de conhecimento surgidas com o advento da “sociedade da informação”. Ao mesmo tempo, o LIBER buscava oportunidades para aplicação do *know-how* armazenado na área da gestão do conhecimento. Subjazia ainda o interesse recíproco de estabelecer uma rede de acervos e pesquisadores integrados em uma estrutura lógica interinstitucional, habilitada a experimentar o uso de instrumentos comuns e metodologias de gestão documental, que permitissem replicar e expandir a experiência para outras instituições de guarda de fontes históricas e do patrimônio cultural.

O Clio oferece recursos de sistema de recuperação de informação, biblioteca digital multimídia (texto, áudio, vídeo e imagem), visualização e manipulação de documentos, e interoperabilidade entre os repositórios¹⁵.

Clio-i interoperabilidade é uma extensão do Clio que permite a interoperabilidade entre diferentes bases. Reúne o Clio-i data provider e o

15 GALINDO, Marcos; CARDOSO, M. J.; PRUDENCIO, R. B. P.; BARROS, F. A. Gerenciamento e interoperabilidade entre bibliotecas digitais. In: Diego A. Salcedo; Maria Cristina Guimarães Oliveira; Maria Mercedes Dias Ferreira Otero. (Org.). *Construção, práticas e identidade da Ciência da Informação*. Recife: NECTAR, 2009, p. 79-101.

Clio-i service provider. Utiliza o *open archives*, através de uma extensão protocolo oai-pmh, está registrado oficialmente no oai como provedor de dados e serviços.

O Clio atualmente gerencia mais de uma dezena de projetos em instituições, como: Fundação Joaquim Nabuco, Save The Children – Suécia, Museu Murilo la Greca, Museu da Cidade do Recife, Sudene. A versão java do *software* foi lançada no segundo semestre de 2008.

A experiência nos mostra que a eficiência de iniciativas documentalistas do passado foi limitada pela ausência de estratégias de acessibilidade de longo prazo. Indica também que não foi eficiente a escolha de registrar as fontes para o Brasil com métodos que limitam o acesso¹⁶. Processos reprográficos como a microfilmagem devem, quando muito, ser utilizados com o registro de segurança. Essa posição baseia-se em recente recomendação da Unesco e no fato de que a indústria reprográfica deixou de investir em processos de registro analógico desde a década de 80 do século passado, quando a tecnologia digital emergiu comercialmente, permitindo registros de imagem de alta fidelidade, preços e serviços acessíveis. A troca de dados automatizada entre sistemas de redes distribuídos, o uso de bancos de dados e a descrição de recursos de informação com metadados permitem hoje a busca e recuperação da informação com rapidez e precisão superior a qualquer processo ancestral. Iniciativas como *open archives*¹⁷ desenvolveram recursos tecnológicos que avançaram na lógica da preservação pela distribuição da informação, distanciados do pensamento do controle documental que tem como base o resgate e a preservação sem oferecer soluções inteligentes de distribuição da informação.

Métodos modernos que utilizam suportes de registro digital ainda não são suficientemente confiáveis no quesito durabilidade de suporte, como

16 GALINDO, Marcos; VAN'T SANT, Onno Hattinga. *Memória partilhada: o mundo atlântico e os Países Baixos*. In: GALINDO, Marcos (Org.). *Shared memory*. awad workshop Brazil: report the atlantic world and the Dutch, 14 ed. Recife: Nectar, 2006, p. 6. Ver também CONSOLINI, B.; GALINDO, Marcos; Report AWAD. The atlantic world and the Dutch, 1500–2000: a mutual heritage project (workshop Brazil). In: GALINDO, Marcos; CONSOLINI, Barbara (Org.). *Awad Workshop Brazil: the atlantic world and the Dutch, 1500–2000: a mutual heritage project report*. Recife: Nectar, 2006, p. 19–65.

17 <http://www.openarchives.org/index.html>; TRISKA, Ricardo; CAFE, Lígia. Open archives: the Brazilian Digital Library subproject. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 30, n. 3, 2001. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652001000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Nov. 2006. doi: 10.1590/S0100-19652001000300012.

o CD-ROM¹⁸, mas se fortalecem na capacidade de reprodução da matriz a baixo custo, no potencial de difusão e acesso à informação, na qualidade das imagens e na versatilidade permitida pelos recursos de distribuição das redes de alcance mundial. Somente o volume de cópias, boas práticas de conservação digital e o uso permanente das fontes podem garantir a preservação dos suportes e justificar o uso social da informação.

Iniciativas modernas que não incluam, em seu planejamento, estratégias objetivas de acessibilidade às fontes históricas devem ser vistas sob o olhar crítico dos interessados em construir um ambiente produtivo de debate da memória histórica. Não basta mais apenas descrever as coleções, reproduzi-las de modo analógico para mantê-las armazenadas em depósitos remotos de acesso limitado. Urge promover-se o acesso largo às fontes a quem delas possa fazer uso, como forma de garantir a preservação a partir da oferta de acessibilidade e assim promover com versatilidade e eficiência a pesquisa.

Resta clara a necessidade do desenvolvimento de redes de interação, *networks*, infraestrutura de pesquisa e iniciativas coletivas que busquem conferir poder de acessibilidade às fontes históricas. Em Pernambuco, a Rede Memorial Pernambuco vem procurando promover cooperação interinstitucional¹⁹. Evidencia-se também a necessidade de se investir, de forma sistemática, na direção da convergência de iniciativas, o que implica a existência cooperada de diversos projetos trabalhando de forma integrada, com metodologias interoperáveis, abaixo de um objetivo universal. A diversidade e alteridade das iniciativas devem ser defendidas, tendo como eixo orientador o princípio da memória enquanto patrimônio coletivo universal.

18 BRADLEY, Kevin. Risks associated with the use of recordable CDs and DVDs as reliable storage media in archival collections: strategies and alternatives. MEMORY OF THE WORLD PROGRAMME, Sub-Committee on Technology. UNESCO, Paris, October 2006. By Kevin Bradley. National Library of Australia, Canberra. “[...] for researchers and the general public. Thanks to the newest technologies, originals can be restored, preserved in the best possible conditions and their digital copies disseminated [...]” <http://www.tanap.net/>

19 A Rede de Cooperação Interinstitucional Memorial Pernambuco é um programa concebido com o objetivo de promover cooperação interinstitucional através da realização de programas estratégicos de promoção, preservação e acesso ao patrimônio memorial e informação de interesse histórico, custodiados por instituições de missão memorial de Pernambuco. A Rede Memorial Pernambuco, firmada em março de 2009, tem por signatários fundantes o Museu da Cidade do Recife, a Biblioteca Pública de Pernambuco, o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e a Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, a Fundação Joaquim Nabuco, a Fundação Gilberto Freyre são membros permanentes do grupo.